

Cidade do Samba:
Transformações no Carnaval
Carioca¹

Ricardo José de Oliveira Barbieri – Bolsista CNPq/IC
8º período de Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Vinculado ao projeto: Simbolismo e Análise Cultural: Ritos da
Cultura popular
Orientadora: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti
DRE: 102010654
Telefones: 24652539 e 88593826
E-mail: delezcluze@gmail.com

¹ Ricardo José de Oliveira Barbieri: Graduando do 8º período do curso de ciências sociais. Bolsista CNPq/IC. Orientadora: professora Dra. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Área de pesquisa: Antropologia urbana. E-mail: delezcluze@gmail.com.

Resumo

A comunicação pretende analisar a criação e construção arquitetônica da Cidade do Samba no Rio de Janeiro, bem como sistematizar e acompanhar as discussões existentes e conflitos resultantes a seu respeito na imprensa e nos meios carnavalescos nos últimos anos. Para tanto foram analisadas matérias relacionadas ao assunto nos principais jornais cariocas, sítios especializados na cobertura do carnaval carioca e entrevistas realizadas em campo. A hipótese que orienta a investigação em andamento é a de que a implantação e efetiva inauguração da Cidade do Samba significa uma importante alteração na organização social do desfile das escolas de samba no carnaval carioca.

Palavras-Chave: Carnaval, Desfile das escolas de Samba, Cidade do Samba

Introdução

O desfile das escolas de sambas, em seu ciclo ritual, articula “não só uma vasta rede de relações, construída entre camadas e grupos sociais diferenciados, como formas artísticas distintas, especialmente a dança, a música e a visualidade”².

A construção da Passarela do Samba em 1984 como palco que abriga os desfiles do Grupo Especial, Acesso A, Acesso B e escolas mirins foi decisiva na transformação do carnaval. A partir da inauguração desta o desfile torna-se ainda mais atraente e um grupo de grandes escolas, estas ligadas em sua maioria ao mecenato do jogo do bicho³, funda a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA). A LIESA, fundada em 1984 numa tentativa de profissionalização e organização do Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial, congregando as 14 maiores escolas do carnaval carioca.

Com a fundação da LIESA as escolas do Grupo Especial e o mecenato ligado ao jogo do bicho adquiriram poder e status que tornaram possível um espetáculo grandioso e rentável. Da mesma forma as estruturas de poder que alicerçam o cartel do jogo do bicho se reforçaram com uma penetração política fortíssima nas esferas de poder público. Entretanto o que nos interessa no presente trabalho é que a fundação da LIESA e a inauguração do sambódromo marcam uma profunda transformação no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. Esta transformação desemboca recentemente em um novo fato que será interessante analisarmos num contexto de observação das mudanças ocorridas no carnaval carioca em especial em sua forma processional, o

² ver Projeto de Pesquisa: “Simbolismo e Análise Cultural: Ritos da cultura popular”

³ ver a respeito do mecenato do jogo do bicho: CHINELLI, Filipina e MACHADO, Luis Antonio. “O vazio da ordem: Relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho”. In: Revista do Rio de Janeiro. Ano I, número 1. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Ed. Ayuri. Ainda A respeito do mecenato do bicho ver: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Capítulo 1 - “A competição festiva” in *Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Funarte/UFRJ, 1994. ou ainda: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; “Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana” in *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense; 1999

desfile das escolas de samba. O estudo dessas mudanças está articulado com o quadro proposto dentro do projeto de pesquisa “Simbolismo e Análise Cultural: Ritos da cultura popular” realizado sob orientação da professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti ao qual estou integrado. Este projeto “trata de tomar a noção de ritual como fio condutor para o estudo da cultura a partir da etnografia de rituais populares, em especial o carnaval”⁴. Neste trabalho pretendo observar a elaboração do carnaval dentro do espaço arquitetônico conhecido como Cidade do Samba. A observação de tais mudanças está inserida dentro do contexto mais amplo do projeto de pesquisa já citado na medida em que permite observar o processo de preparação das alegorias relacionadas a questões propostas pelo projeto de pesquisa como: a arte enquanto ação coletiva; o carnavalesco como mediador cultural; a dimensão significativa da visualidade na festa; o sentido do mecenato e da patronagem na cultura popular e a relação dos rituais com a passagem do tempo no contexto da evolução do carnaval carioca.

O que é a Cidade do samba?

Uma nova e significativa transformação pode acontecer com a inauguração da Cidade do Samba, porém convém antes apresentar e conceituar a Cidade do Samba.

A Cidade do Samba é um espaço inteiramente dedicado à produção do carnaval carioca. Em um antigo terreno da rede ferroviária federal, a Prefeitura do Rio construiu 14 galpões, cada um com 7mil m² e 19 metros de altura, a um custo inicial orçado em R\$ 102,6 milhões em um terreno de 98.000 m². Os galpões já são chamados pelos órgãos oficiais de “Fábricas do Carnaval” pelo seu grandioso porte e sofisticada infra-estrutura que possibilitam uma clara visualização da divisão do trabalho em seu interior como nas fábricas. No primeiro pavimento de cada galpão existe uma área interna que comporta 12 alegorias, 4 além do máximo permitido no desfile das escolas do grupo especial. Há setores especiais para trabalhos de marcenaria, serralheria, almoxarifado e até mesmo uma mini-recepção nos portões voltados para a área externa da Cidade do Samba. No segundo pavimento funciona refeitório, cozinha e vestiários. Existe ainda um terceiro e quarto pisos onde funcionam ateliês, escritórios e um pequeno auditório. No quarto piso, onde funcionam os ateliês para fabricação de esculturas, há um vão central que possibilita a movimentação das esculturas e a montagem sobre os carros alegóricos através de um guincho preso a uma monovia. Em cada um dos pavimentos existe uma passarela que possibilita diversos ângulos de visão das alegorias tal qual ocorre com os diferentes setores da Marquês de Sapucaí onde elas desfilarão. Os portões para a saída dos carros alegóricos têm 10 metros de altura e são voltados para a praça central interna do complexo. O espaço dispõe ainda de área de lazer central com praça de alimentação e tendas para shows, estacionamento para 226 vagas, um shopping e prédio administrativo. O projeto foi elaborado pelo Instituto Pereira Passos em parceria com a LIESA. A prefeitura desembolsou mais de 80 milhões na construção. Finalizadas as obras, a administração do complexo foi entregue pela prefeitura a

⁴ ver Projeto de Pesquisa: “Simbolismo e Análise Cultural: Ritos da cultura popular”

LIESA. Dessa forma fica óbvio e explícito o comando do mecenato do bicho sobre o desfile e suas íntimas relações com as esferas públicas de poder.

Na Cidade do Samba a LIESA e a Prefeitura do Rio de Janeiro pretendem um novo local que permita maior visibilidade e arrecadação para as escolas de samba através da possibilidade de abertura da preparação para o desfile das escolas de samba em sua parte visual pela população em geral e por turistas. As escolas esperam também que o projeto proporcione maior conforto e estrutura para a incubação e produção dos desfiles das escolas de samba do grupo especial. A estrutura a ser montada na cidade do samba é de tal grandiosidade e mobiliza tal aparato tecnológico que pode representar uma nova onda de mudanças para as escolas de samba, daí a relevância de uma pesquisa em torno de tal projeto. Para confirmar tal relevância é possível citar Magnani em seu estudo sobre a metrópole que relaciona o uso de certos grupos dos equipamentos urbanos da cidade e seus efeitos para além da cidade (Magnani;1996). Assim é objetivo deste trabalho reproduzir uma análise que vá de encontro à proposta do mesmo autor acerca de uma etnografia urbana *de perto e de dentro*:

“(...) capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.” (Magnani; 2002)

Conflitos e questões pós-ocupação da Cidade do Samba

A ocupação dos barracões na Cidade do Samba não deixou de apresentar conflitos. E enquanto fato social total (Mauss; 1978) as implicações envolveram não apenas o grupo de escolas que compõe o Grupo especial como todo a rede de relações sociais(Both;1976) o que compreende as escolas de samba. A realidade pós-abertura da Cidade do Samba se choca com os objetivos iniciais do projeto. São problemáticas as formas de ocupação dos galpões pelas escolas, o rodízio a ser feito dentro destes e a o acesso do público em geral aos galpões em si. Com a finalidade de traçar um panorama mais preciso da importância da cidade do samba é conveniente resgatar a história de ocupações irregulares e de parca infra-estrutura que abrigou as escolas do Grupo Especial antes da mudança de seus antigos barracões para a Cidade do Samba.

1.1-O histórico até a ocupação dos galpões da Cidade do samba

A rede de relações sociais que se mobiliza em torno da organização, preparação e participação do carnaval carioca em especial o desfile das escolas de samba do Grupo Especial é significativa justificando a atenção dos estudos de Antropologia Urbana.

O antigo barracão de escola de samba tem importância vital para desembocarmos no atual projeto de unificar todos os barracões em um complexo que é a Cidade do Samba. Em 1970

um dos primeiros espaços a ser ocupados na preparação das alegorias para a festa foi o Pavilhão de São Cristóvão. O curioso é que nesse espaço conviviam várias escolas, tal qual ocorre hoje na Cidade do Samba e apresentavam outras singulares características como chama atenção a Professora Helenise Guimarães ⁵:

“Em 1991, realizando pesquisa de campo em Barracões que dividiam o espaço do Pavilhão, observamos durante dois anos o trabalho das equipes das Escolas de Samba Portela, Imperatriz Leopoldinense entre outras que ocupavam o Pavilhão, administrado por um grupo de funcionários da Prefeitura. As divisões do espaço eram coerentes com o poder econômico de cada Escola, e estas eram separadas por tapumes de madeira e portões. Geralmente havia uma pequena sala que acumulava as funções de secretaria, atelier do Carnavalesco e sala do Presidente. Os tapumes de madeira, que demarcavam cada barracão, formavam um intrincado labirinto provido de placas para orientação dos visitantes.” (GUIMARÃES; 2004).

Até então nas escolas de samba os barracões eram “amplos galpões de sua propriedade ou cedidos por empresas ou pelo governo estadual ou municipal, situados preferencialmente em áreas próximas ao centro da cidade, de modo a facilitar o penoso transporte das alegorias para a área de desfile” (Cavalcanti; 1994). Na verdade nenhuma escola do Grupo Especial em 2005 tinha a efetiva posse desses galpões, em sua maioria localizada na zona portuária do Rio de Janeiro⁶. O barracão ocupado pela União da Ilha e Império Serrano em 1984 foi “cedido à escola graças à ligação da Ilha com o Cais do Porto” (Cavalcanti; 1984) e até recentemente abrigava a Caprichosos de Pilares, comprova a já antiga situação irregular. A ocupação desses armazéns e galpões se deu muitas vezes de maneira clandestina, segundo a Companhia Docas dos 76 galpões destinados à revitalização da região, 24 estão invadidos. Um acordo entre Riotur e as escolas em 1995 regularizou provisoriamente a ocupação dos galpões através do abatimento das dívidas da Companhia de Docas e RFFSA (Rede Ferroviária Federal) com a prefeitura. Entretanto o contrato acabou já em 1996 e a Companhia de Docas quer retomar os prédios.

A confecção dos carros alegóricos e de algumas alas que desenvolvem o tema apresentado pelas escolas de samba no desfile ocorrem no barracão. As alegorias “são formas de arte coletiva que envolvem em sua confecção o carnavalesco e sua equipe de especialistas e ajudantes” (Cavalcanti; 1994). O processo de confecção se dá de maneira temporal, com as seguintes etapas que em determinado momento podem até mesmo coexistir – “ferragem; marcenaria; escultura e moldagem; decoração/vidraçaria/mecânica” (Cavalcanti; 1994).

Para as escolas e os envolvidos na preparação dos desfiles além de conforto e segurança, avanços na estrutura de preparação são vislumbrados tendo como consequência um possível incremento do espetáculo. Nos armazéns improvisados em que as escolas estavam instaladas não era possível, por exemplo, a montagem por completo de uma alegoria, que só era concluída na avenida. Na Cidade do Samba acontece o contrário as alegorias podem ser confeccionadas e

⁵ ver GUIMARÃES; Helenise Monteiro; “A Cidade do Samba – Na Paisagem da Gamboa, as Novas Fábricas de Sonhos para o Carnaval Carioca”, 2004

⁶ conforme relata O Globo; pp.10 – Rio; 19 de maio de 2005; “Na Zona Portuária a disputa por um teto”.

testadas com tranquilidade, já que o pé-direito de cada “fábrica” é maior que a torre de televisão que delimita a altura máxima dos carros⁷. A profissionalização que já caminha a passos largos no carnaval carioca se acirra com a ocupação do espaço pelas escolas. A LIESA sonha com a presença cada vez mais forte da tecnologia no desfile das escolas de samba a partir da inauguração da Cidade do samba⁸. E de fato muitas das expectativas geradas começam a se confirmar. A Portela levou novos chassis de carros alegóricos motorizados por ocasião da ocupação de seu galpão da Cidade do samba⁹. O mesmo fez a Caprichosos de Pilares que postergou sua entrada na Cidade do Samba justamente para reformular seus chassis. O uso de chassis motorizados antes era considerado um privilégio das escolas mais ricas e estruturadas.

Na cidade do Samba é possível verificar de maneira mais evidente a divisão do trabalho que ocorre dentro do barracão e representa, portanto, um avanço significativo para as escolas que até então trabalhavam em galpões improvisados constantemente ameaçados por incêndios, falta de segurança, insalubridade e ordens de despejo da Companhia de Docas, dona dos armazéns ocupados. O Império Serrano, por exemplo, em sua fábrica na Cidade do Samba, contava com a totalidade dos seus operários envolvidos na confecção das alegorias uniformizados e utilizando equipamentos de proteção individual adequados à segurança no trabalho.

Porém, já na divisão das “fábricas” entre as escolas as contradições e interrogações se explicitam. A divisão dos 14 galpões deu-se por um critério que levava em consideração a posição ocupada pela escola no desfile do ano carnavalesco¹⁰ de 2003 anterior à apresentação do projeto. Assim as escolas com piores posições em tal ranking ficaram com os espaços menos privilegiados como os galpões 7, 6¹¹ e 3¹² que obrigam as ocupantes à realizar manobras com seus carros alegóricos na entrada e saída do espaço.

A LIESA e as escolas decidiram que a última colocada no carnaval de 2004 cairia para o Acesso A, formado então por 10 escolas, e cederia o seu barracão à agremiação campeã do Acesso A, promovida ao grupo Especial. Isto de fato ocorreu, entretanto, em 2005, houve uma realocação das escolas antes mesmo da finalização das obras e a Rocinha ocupou o espaço que anteriormente seria ocupado pela Vila Isabel, o famigerado galpão 3 com apenas dois portões de entrada e saída dos barracões. A Vila Isabel passou a ocupar o espaço deixado pela Tradição na “fábrica” 5. As demais permaneceram onde havia sido definido. E algumas parece que assim

⁷ Em alguns casos até mesmo os 17 metros da torre de televisão foram ultrapassados. A Vila Isabel levou uma escultura que alcançava quase 20 metros de altura representando Simon Bolívar, a escultura dispunha de um dispositivo em que o “gigantesco” boneco que representava o líder latino-americano sentava se adequando a altura máxima e passando rente à torre de TV.

⁸ como lembra o pesquisador Hiram Araújo em matéria no jornal O DIA em setembro de 2005.

⁹ ver PORTELA REFORMA CHASIS DE CARROS ALEGORICOS E ESPERA PELA INAUGURAÇÃO DA CIDADE DO SAMBA; O Carnaval Carioca; www.ocarnavalcarioca.com.br; 19 de setembro de 2005.

¹⁰ O ciclo anual de preparação dos desfiles segue uma temporalidade própria, determinada pela data do carnaval ao qual este ciclo está relacionado. Para entender melhor a temporalidade do desfile do carnaval ver CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “O Ciclo Anual do desfile” in *Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Funarte/UFRJ, 1994.

¹¹ Com 3 portões de saída para carros alegóricos, enquanto os demais têm cinco portões.

¹² Com menor número de portões, apenas dois.

pretendem permanecer por muito tempo. Esbanjando confiança e otimismo exarcebado a Grande Rio e a Viradouro esbanjaram fortunas com a decoração dos escritórios dos membros da diretoria. Na sala do “patrono” da Grande Rio, compondo uma suntuosa decoração hi-tech, uma TV de plasma de 29 polegadas e DVD. Há inclusive um banheiro privativo com banheira de hidromassagem¹³. A influência política e econômica do mecenato do jogo do bicho nos rumos e decisões tomadas pela LIESA, venham a ser talvez o principal ponto de apoio de tal confiança das agremiações citadas no grupo das grandes escolas. Há que ressaltar, porém, que tal influência de poder que preserva essas escolas de rearranjos na distribuição dos barracões dentro da Cidade do Samba segue ainda uma hierarquia complexa dentro do círculo que envolve o patronato ligado ao controle do jogo do bicho. O mecanismo funciona de maneira semelhante as relações de influência e compadrio que vem a reger a relação do mecenato do bicho com a organização do desfile propriamente dito.

Um outro problema relacionado à ocupação dos barracões se manifesta após a realização dos desfiles do carnaval de 2006. A LIESA decidiu neste ano que duas escolas cairiam para a promoção de apenas uma escola do Acesso A visando chegar ao número reduzido de 12 escolas em 2008. Dessa forma, dois espaços estarão ociosos em 2008. A forma de utilização desses espaços já é tema de novo entrevero. A Liga insiste em fazer desses espaços oficinas em que o público interagiria com a obra, como um museu que abrigaria carros de carnavais passados. Outra forma que foi proposta pela LIESA é a da construção de mais um shopping para venda de bibelôs das escolas para turistas e visitantes¹⁴. E há ainda uma terceira corrente dos que defendem que a escola rebaixada deve ocupar um dos barracões ainda que dispute o Grupo de Acesso A; a direção da Caprichosos de Pilares, penúltima colocada em 2006, pensa assim. A Caprichosos contesta ainda o resultado do desfile de 2006 e independente do resultado do desfile, decidiu taxativamente permanecer no espaço por ela ocupado na Cidade do Samba e seu presidente declarou não ter pra onde ir em 19 de abril de 2006 um dia antes do prazo máximo estipulado pela LIESA para desocupação do barracão¹⁵. Como veremos adiante as condições estruturais dos barracões das escolas do grupo de Acesso A não podem ser em nada comparadas às encontradas na Cidade do Samba. Portanto, uma quarta corrente dentro do meio carnavalesco, defende que o ideal seria a manutenção de 14 escolas no Grupo Especial preservando o projeto original. Acontece que por razões comerciais, especialmente exigência da

¹³ ver MAGALHÃES, Luiz Ernesto. A luta para escapar do Carandiru do Samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 2005, Seção Rio, pág.13.

¹⁴ Em matéria recentemente publicada no sítio on-line dedicado ao carnaval do jornal O Dia a Liga já apresenta o filho do presidente da mesma Ailton Guimarães Jorge Junior como administrador da Cidade do Samba. Este por sua vez já apresentou proposta de utilização da Cidade do Samba com sua programação de sua abertura à visitação em junho até outubro. No projeto de programação mini-desfiles seriam realizados nas sextas, sábados e domingos pouco antes do encerramento de seu funcionamento que seria das 10 às 22 horas. Em outubro a Cidade do Samba fecharia novamente para que as escolas pudessem preparar o carnaval do ano seguinte. No projeto consta ainda que o barracão deixado pela Rocinha seria utilizado como restaurante e área de recepção para o público. Um dos responsáveis pela programação seria Milton Cunha, carnavalesco da Porto da Pedra.

¹⁵ CIDADE DO SAMBA: CAPRICHOSOS NÃO TEM PRA ONDE IR; Esquentando os tamborins; www.tamborins.com.br; 19 de abril de 2006

emissora que detêm os direitos de transmissão, a TV Globo, a LIESA está empenhada na manutenção de sua idéia original com 12 escolas no Grupo Especial em 2008.

1.2 – Da “Fábrica de Sonhos” para o Carandiru: estruturas desiguais no circuito do carnaval carioca.

“A estrutura da Cidade do Samba é um sonho. Aqui é preciso força de vontade e inspiração para superar as dificuldades e mosquitos. Três funcionários pegaram dengue. Quando chove a gente tem que cobrir as alegorias devido às goteiras.” - Edgley Cunha, Comissão de carnaval da Estácio de Sá¹⁶.

“Tem gente que já pegou dengue e outros que dormem em cima do carro pra não ter que gastar dinheiro com passagem. As pessoas merecem um mínimo de dignidade, e não trabalhar aqui no meio do lixo. Como as mães têm que vir trabalhar, preferem trazer seus filhos pra cá. Mas aqui essas crianças correm todo tipo de risco” – Sandro Carvalho, Carnavalesco da Renascer de Jacarepaguá¹⁷.

Com a desocupação dos antigos armazéns improvisados por parte das escolas do Grupo especial, muito se discutiu acerca da utilização desses espaços. Como a posse dos barracões da Cidade do Samba é transitória e permitida apenas as escolas do Grupo Especial, muitas das escolas não abriram mão de manter seus antigos barracões ocupados, assim sendo mantiveram neles funcionando ateliês e oficinas das escolas de samba mirins ao mesmo tempo em que resguardam o espaço no caso de uma queda de grupo, assim fizeram, por exemplo, Unidos da Tijuca e Mangueira. Outras escolas, porém, resolveram ceder seus antigos barracões para escolas do grupo de acesso A. A ocupação desses barracões pelas escolas do grupo de acesso A teria enorme importância, visto que, muitas amargam condições de trabalho ainda piores em seus barracões atuais. O que é possível verificar é uma imensa rede de relações sociais que se movimentam neste processo de ocupação e desocupação de barracões, que envolve Prefeitura, empresas donas dos terrenos e armazéns, escolas de samba de quase todos os grupos, setor turístico da cidade, grupos interessados na revitalização da zona portuária e etc. Numa tentativa de entender o funcionamento dessas redes de relações e trocas entre escolas que muitas vezes serão ou são concorrentes um estudo profundo se faz conveniente. É interessante observar possíveis mudanças no processo de preparação da festa e na festa em si atreladas à centralidade da alegoria, enquanto expressão artística coletiva e popular; bem como sua efêmera utilização ritual. Seguindo a perspectiva de uma observação etnográfica *de perto e de dentro*, que leva em consideração os atores sociais envolvidos, a rede das escolas de samba carioca efetua transações internas que movimentam e afetam a metrópole enquanto sua totalidade.

¹⁶ MAGALHÃES, Luiz Ernesto. A luta para escapar do Carandiru do Samba. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 2005, Seção Rio, pág.13.

¹⁷ CARANDIRU: FÁBRICA DE SONHOS SOFRE COM O DESCASO; Obatuque.com; www.obatuque.com; 04 de abril de 2006.

Apesar de não ter sido bem-sucedida a transferência dos barracões das escolas do grupo Especial para a Cidade do Samba desencadeou uma série de conflitos e reordenamentos que desde o circuito das escolas de samba afetou o todo. Somente para citar um exemplo vejamos o caso da escola de samba Alegria da Zona Sul. Elevada em 2004 ao grupo de acesso A, a escola prepara, até então, seu carnaval num terreno da antiga Rede Ferroviária Federal no bairro do Santo Cristo, próximo da Rodoviária Novo Rio, conhecido como “Carandiru”. As condições neste espaço são as piores possíveis. As escolas com menor estrutura dividem esse espaço, em torno de 20 escolas desde o grupo de acesso A até o acesso E que convivem com o mal-cheiro, acúmulo de lixo, condições de trabalho insalubres, insegurança e constante risco de incêndio. Com a ocupação do barracão da Cidade do Samba a Acadêmicos do Salgueiro cedeu seu antigo barracão localizado na Rua Equador, também Santo Cristo, à Alegria da Zona Sul. Esta seção ocorreu pelo vínculo estreito que ambas as escolas tinham na época, já que o patrono era o mesmo nas duas escolas, o banqueiro do bicho conhecido como Maninho. Outras escolas também seguiram a estratégia do Salgueiro cedendo seus espaços a escolas dos grupos de Acesso como a Viradouro que cedeu seu armazém para a Renascer de Jacarepaguá; a Beija-Flor que cedeu para a Acadêmicos do Cubango; e a Imperatriz Leopoldinense que cedeu o armazém que ocupava à Estácio de Sá. A escola e as demais não conseguiram, entretanto ocupar estes galpões. Isto se deu, pois a Companhia Docas S/A aproveitou a retirada da antiga invasora do local para retomar a posse do espaço.

Dessa forma não restou alternativa às escolas do Grupo de Acesso A, ou seja, permaneceram no “carandiru” enfrentando todas as dificuldades estruturais possíveis. Muito lixo, muita sujeira, fios emaranhados e expostos tornam o trânsito no interior dos barracões do “carandiru” não recomendável em dias de chuva. Isto porque o teto é cheio de buracos, nos espaços onde ainda existe cobertura. Os restos do carnaval passado ainda persistem no terreno onde crianças brincam despreocupadamente. Conforme matéria publicada no site O Batuque.com o secretário municipal de governo João Pedro Campos esteve nos barracões em 2005 mais de três vezes e chegou a solicitar à Comlurb uma limpeza do local inclusive para facilitar a saída dos carros nos dias de desfile¹⁸. A visita não se repetiu em 2006 e as escolas sofrem com os problemas que se multiplicam. A Estácio lutou muito e foi a grande contemplada com a realização da tão sonhada vaga na Cidade do Samba, porém ainda teve que pensar na preparação do seu carnaval no ano de 2006. A saída dos carros do barracão e o piso irregular que mistura cascalho e trechos de trilho abandonados e enferrujados torna-se só mais um dos empecilhos às escolas que geralmente tem que lidar com mais uma ampla gama de dificuldades. Geralmente o jeito é apelar para a ajuda de uma “coirmã”¹⁹ no guincho ou no apoio para o transporte das alegorias como relata a presidente da União do Parque Curicica, do grupo de

¹⁸ CARANDIRU: FÁBRICA DE SONHOS SOFRE COM O DESCASO; O Batuque.com; www.obatuque.com; 04 de abril de 2006.

¹⁹ Chamo atenção para o novo aparecimento das relações de trocas que vem a permear praticamente todo o ciclo de preparação para o desfile. Durante esse período as escolas não só mantêm uma relação umas com as outras, visando proteger suas surpresas e atrações dos espiões rivais, como também desenvolvem laços de solidariedade umas com as outras. O estudo de tais relações de troca seria bastante fértil no contexto em que está imerso o carnaval.

Acesso B: “Os carros vão ser levados pela equipe do Mirabel, presidente da Vila Rica, com a equipe dele do Cais do Porto. Vão ser todos levados na mão, sem reboque, que é para não correr o risco de danificar as alegorias”²⁰. Os desfiles do Grupo de Acesso A e B são realizados na Sapucaí, relativamente próximo da região onde está localizado o “carandiru”, porém, esse espaço abriga ainda as escolas que cruzam a cidade para poder desfilarem na Intendente Magalhães em Campinho. Não fossem esses transtornos por demais as escolas do Carandiru, o apoio do poder público também se faz sentir. Chega a ser assustador os números com que se lida nesses grupos. Ao contrário das milionárias verbas cedidas de subvenção para o Grupo Especial, no Grupo de Acesso A Prefeitura e o Governo do Estado juntos não repassam pouco mais do que 200 mil reais, enquanto no grupo especial as escolas de ponta tem carnavais orçados em até 4 milhões de reais. Não seria necessária uma reflexão acerca do papel das agremiações do Grupo de Acesso no sucesso da festa? Não é necessária uma maior atenção por parte das autoridades as manifestações das escolas menores? Não seria mais interessante para a cidade um tratamento mais igualitário as escolas de menor porte? Será que a atenção do poder público é fruto somente da influência do cartel do jogo do bicho? Até que ponto seria interessante uma maior atenção e estímulo à estrutura de organização das escolas que se abrigam fora da Cidade do Samba? São questões como essa que pretendo deixar para um aprofundamento na questão que envolve o barracão de escola de samba.

1.3 – Conclusão: o Segredo Ritual

Um grande passo para a produção etnográfica de qualidade num meio familiar como é o caso do meu relacionamento com as escolas de samba, e como acredito ser de uma maneira geral na Antropologia Urbana, é o “desligamento emocional para tornar o familiar exótico”, passo importantíssimo “para estudar um ritual brasileiro” (DaMatta; 1974). Tenho consciência que para superar essa dificuldade é necessário recorrer à Gilberto Velho com suas valiosíssimas lições sobre Antropologia Urbana e que enuncia que “O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fosse de sociedades diferentes, falar a mesma língua também não exclui a possibilidade do distanciamento” (Velho; 1978). O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas não totalmente desconhecido. Ao observar o familiar deve se levar em conta determinadas relações que devem ser pensadas de maneira a evitar impedimentos se não relativizados ou sistematicamente forem objetos de reflexão. Uma primeira providência foi desarmar minha consciência de uma visão pejorativa em relação à centralidade das alegorias no desfile das escolas de samba. Um debate que mistura a presença do visual no desfile e que toma no meio carnavalesco ares e pega emprestados argumentos de um debate já travado dentro da Antropologia sobre o que seria popular e o que seria o erudito. Imbuído destas noções um amplo campo de pesquisa se abre à minha presente reflexão. A compreensão da rede de relações sociais

²⁰ ENTREVISTA COM PRESIDENTE MARILZA; O Batuque.com; www.obatuque.com; janeiro de 2006.

ligadas ao processo de confecção das alegorias na Cidade do Samba denota uma parte do rico contexto que destaca o desfile das escolas de samba na pesquisa sociológica na cidade do Rio de Janeiro.

A Cidade do samba é vislumbrada pela prefeitura e pela LIESA como um caminho a mais de expansão comercial do carnaval carioca. A intenção do município junto ao projeto é que turistas possam apreciar o trabalho realizado nos barracões e que até então era de difícil acesso aos mesmos. Os órgãos municipais e as escolas de samba calculam que a transformação desta em atração turística possa trazer dividendos aos cofres municipais compensando o investimento inicial com a bilheteria da visitação e ainda com a compra de souvenirs e conseqüente interesse por participar dos desfiles. Obviamente estão incluídos nessa conta os lucros com a imagem de um desfile moderno, com alta tecnologia e produzido em uma das mais organizadas oficinas de arte do país. Elementos suntuosos que causem impacto a mais leiga das visões. O cenário mais impressionante possível, dotados dos mais deslumbrantes elementos da maior ópera-preceSSIONAL de rua do mundo. Principalmente pelo fato da LIESA entender que através da espetacularização a festa carioca se reafirma enquanto modelo nacional. Entre os barracões da Cidade do Samba existem passarelas externas que os percorrem permitindo a visualização do alto da confecção das alegorias, importante peça de consumo ritual no desfile das escolas de samba.

Ocorre, entretanto, que de maneira curiosa a ocupação, inauguração da Cidade do Samba não coincidiu com a abertura dela a visitação oficial. As passarelas que permitem a visualização da área interna dos barracões permaneceram interditadas ao público e os gradis, que permitiam uma parca apreciação do trabalho realizado dentro dos galpões observando da área central de lazer, foram cobertos com flâmulas das escolas.

As obras se arrastaram de 2003 até setembro de 2005 cercadas de um tanto de ceticismo por parte dos sambistas. Muitos não acreditavam que uma estrutura de tal porte pudesse ser direcionada ao carnaval carioca. Talvez ignorando o grande porte do palco onde as grandes escolas se apresentam, que é o Sambódromo. De qualquer forma o valor simbólico dessa inauguração é significativo para as escolas. Foram próximos à praça Mauá que os primeiros Ateliês das escolas de samba se abrigaram. O bairro da Gambôa, onde se situa a cidade do samba foi um reduto de sambistas nos primórdios da história das escolas de samba, conforme declarou Hiram Araújo ao Jornal O Dia. A nova estrutura possibilita um recomeço para escolas que não tem sido felizes nos últimos desfiles, vide a reformulação dos chassis da Caprichosos (11ª colocada em 2005) e Portela (13ª colocada em 2005). As polêmicas, porém, já eram grandes antes mesmo da ocupação definitiva dos barracões. O objetivo de tornar aberta ao público a preparação das alegorias incomoda muitos carnavalescos que temem ser alvo de espionagem por parte das outras escolas abrigadas na Cidade do samba. O carnavalesco Roberto Szanieck da Acadêmicos do Grande Rio já antes da inauguração, declarara que pretendia esconder “os detalhes que não devem ser vistos antes da Sapucaí”²¹. Muitos já falavam abertamente em cobrir alegorias e “tampar com lona” o espaço que permite a visão do interior dos barracões através da

²¹ O Carnaval Carioca; www.ocarnavalcarioca.com.br; 20 de setembro de 2005; “Grande Rio: Szaniecki diz que irá cobrir carros para evitar poeira e a curiosidade dos visitantes”

passarela externa, como declarou o carnavalesco da Acadêmicos da Rocinha, Alex de Souza²². Tal atitude não agradou obviamente a Liga das Escolas de Samba que perderia aí o grande objetivo de transformar o complexo em atração turística, como demonstra a condenação do Vice-presidente da Liga Jorge Castanheira: “Se Não for permitido ver o interior dos galpões, vai contrariar todo o projeto do local”.²³ Os presidentes das escolas de samba também chegaram em alguns momentos a serem contrários a tal atitude como o presidente da Unidos do Porto da Pedra, Uberlan Oliveira: “Na avenida é que o público vai saber se as alegorias funcionam ou não”.²⁴ Porém com o passar do tempo a tendência de resguardar segredos acirram entre as escolas. Não encontrei melhor definição para tal do que a de “segredo ritual”. Já retomando a definição da alegoria para Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti é possível resgatar as origens de tal posição que envolve uma proteção das alegorias para o grande momento que é o desfile das escolas de samba²⁵. Faz parte da competição que é o desfile das escolas de samba, uma certa aura de encantamento e surpresa que envolve inclusive a temporalidade da festa. O que no início era até justificável por se tratar de uma convivência com concorrentes diretos do cobiçado título de melhor escola, tornou-se deturpado e confuso a partir do momento em que o dia do desfile se aproximava e com ele aumentavam as tensões em torno de uma restrição do acesso aos detalhes que iam tomando forma nos barracões. Durante a pesquisa de campo presenciei situações inusitadas como a expulsão de uma equipe de reportagem de dentro de um dos barracões. Várias escolas passaram a selecionar o que queriam mostrar a imprensa e dessa forma o acesso tornava-se mais restrito à medida que tudo ia ficando pronto e a alegação de espionagem fazia menos sentido. A única conclusão que pude chegar é que o acontecimento dos desfiles em si tinham por si só que ser reveladores. Mais uma vez é possível constatar que o que está por trás do segredo que envolve a preparação das alegorias é sua integração com a totalidade dos elementos que completam o desfile. E então retornamos ao enunciado elaborado por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti relacionando a “centralidade simbólica da alegoria a seu papel de mediador de redes sociológicas, significados simbólicos e cosmológicos” (Cavalcanti;2001). Portanto, estudar as modificações que afetam o carnaval carioca passa necessariamente por uma reflexão em torno da produção dessas alegorias e principalmente do local e modo em que elas são produzidas.

²² O Carnaval Carioca; www.ocarnavalcarioca.com.br; 20 de setembro de 2005; “Rocinha: Alex de Souza quer revelar segredos apenas na Sapucaí”.

²³ O Carnaval Carioca; www.ocarnavalcarioca.com.br; 20 de setembro de 2005; “Cidade do Samba tem passarela para visitantes verem interior dos barracões. Algumas escolas temem espionagem”.

²⁴ O Dia – Versão digital; www.odianafolia.blig.com.br; 18 de setembro de 2005.

²⁵ “(...) Trata-se de um tipo de objeto feito para ser vivido e integralmente consumido nesse ato. Trata-se também, creio, de uma das mais expressivas formas da arte popular contemporânea” .(Cavalcanti;2001)

Bibliografia:

- ARAUJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.
- BOTH; Elizabeth. *Família e rede social*; Ed. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1976.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Funarte/UFRJ, 1994.
- _____. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. *Espectacularidade, significado e mediação: as alegorias no carnaval carioca*. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Ano 2, número 13. Rio de Janeiro, 2001
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- CANDEIA & ISNARD. *Escola de samba, árvore que esqueceu a raiz*. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC, 1978.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- _____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. *O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. In: *Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- DUARTE, David Têlio. “No Rio de lá, luxo e riqueza. No Rio de cá, lixo e pobreza...” in: *O Batuque.com*, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em http://www.obatuque.com/opiniao/opiniao_20060217.html. Acesso em: 19 de fevereiro de 2006.
- FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FOOTE-WHYTE, William. *On the evolution of street corner society*, In: *Street Corner Society*, Appendix, The University of Chicago Press, Chicago, 1943, pgs. 298-309.
- GUIMARÃES; Helenise Monteiro; “*A Cidade do Samba – Na Paisagem da Gamboa, as Novas Fábricas de Sonhos para o Carnaval Carioca*”, Rio de Janeiro, 2004.
- LOPES, Nei. *Sambeabá, o samba que não se aprende na escola*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Folha seca, 2003.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In: *Revista brasileira de ciências sociais*, Vol. 17, número 49. São Paulo, 2002.
- _____. e TORRES, Lílian de Lucca. *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo. Ed. USP, 1996.
- MAUSS; Marcel. *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa. Edições 70, 1978.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense; 1999
- SILVA, Marília Teixeira Barboza da e SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Música. Divisão de Música Popular, 1989.
- VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2004.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar In: *Individualismo e cultura: Notas para uma sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

_____ e CASTRO, E.B.Viveiros de. *Conceito de Cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica*.

_____ e KUSCHINIR, Karina. *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003